



## O processo de patrimonialização do samba em Belo Horizonte

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SUBÁREA: Etnomusicologia

*Taís Gomes*

*Universidade do Estado de Minas Gerais  
taisgomesue@gmail.com*

*Lúcia Pompeu de Freitas Campos*

*Universidade do Estado de Minas Gerais  
lucia.campos@uemg.br*

**Resumo.** O presente trabalho busca explorar as relações entre os temas música, cidade e patrimônio cultural. Pretende-se colocar em discussão as ações que resultaram no processo de registro do samba como patrimônio cultural de Belo Horizonte. Tal processo está em andamento e foi requerido pelo Coletivo de Sambistas Mestre Conga, grupo que reúne sambistas, pesquisadores e produtores da capital mineira. Por meio da pesquisa etnográfica no meio virtual, que contempla a análise das mídias e o contato direto com o Coletivo, foi possível analisar as suas iniciativas. O grupo atua para conduzir o processo de registro garantindo que o desenvolvimento da pesquisa e a formulação do documento sejam realizados pelos envolvidos com a prática da cidade. Desse modo, o Coletivo contribui com uma discussão sobre os processos de patrimonialização dos bens imateriais. Percebemos pelo número de pessoas empenhadas por essa causa que a tradição do samba em BH está consolidada, sendo o objetivo direcionado para apoio aos profissionais e visibilidade da manifestação.

**Palavras-chave.** Samba, Patrimônio Cultural, Música e cidade, Etnografia, Belo Horizonte.

**Title. The Patrimonialization Process of Samba in Belo Horizonte**

**Abstract.** The present work seeks to explore the relationships between the themes of music, city and cultural heritage. It is intended to discuss the actions that resulted in the process of registering samba as cultural heritage in Belo Horizonte. This process is in progress and was requested by the Collective of Sambistas Mestre Conga, a group that brings together sambistas, researchers and producers from the capital of Minas Gerais. Through ethnographic research in the virtual environment, which includes the analysis of the media and direct contact with the collective, it was possible to analyze its initiatives. The group acts to lead the registration process ensuring that the research development and the document formulation are carried out by those involved with the city's practice. In this way, the collective contributes with a discussion on the processes of patrimonialization of intangible assets. We perceive by the number of people committed to this cause that the tradition of samba in Belo Horizonte is consolidated, with the objective being directed to support professionals and visibility of the manifestation.

**Keywords.** Samba, Cultural Heritage, Music and the City, Ethnography, Belo Horizonte.



## Notas introdutórias: música, cidade e patrimônio cultural

Os moradores da cidade constroem em seu cotidiano as histórias dos lugares e das paisagens através de suas celebrações, construções e conhecimentos tradicionais, que possuem valores para diferentes indivíduos e grupos sociais. Através das práticas culturais as pessoas vão dando sentido aos espaços que as rodeiam. Para o autor Antônio Arantes (2009) os espaços apropriados pelas pessoas, “são realidades a um só tempo tangíveis e intangíveis, concretas e simbólicas, artefatos e sentidos resultantes da articulação entre sujeitos (identidades pessoais e sociais), práticas (atividades cotidianas ou rituais) e referências espaços-temporais (memória e história)” (ARANTES, 2009, p. 18). Dessa maneira, ressalta-se a importância em se discutir sobre como as pessoas convivem, se apropriam dos lugares e de que forma colaboram para a construção de suas identidades, memórias e afetos.

Os estudos no ramo do patrimônio cultural remetem justamente à história, memória e identidade de indivíduos e comunidades, trata-se dos modos de ser e viver das pessoas, como também os valores atribuídos aos lugares e práticas culturais que os sujeitos participam e consomem. Recai no que é representativo e tem sentido para sua cultura. Por isso, não poderíamos ignorar os modos de “fazer a música” na cidade, que se configuram como representações da própria cidade (JOUVE-VILLARD, 2011). As práticas musicais promovem condições para potencializar encontros, criam espaços de afeto e pertencimento, portanto, de territorialidade (FERNANDES; HERSCHMANN, 2014). Ao analisarmos, por exemplo, o samba enquanto fruto da cultura africana reterritorializada no Brasil, percebemos que a manifestação colabora para a (re) elaboração de sentidos identitários e de pertencimento a vários sujeitos sociais. Engloba representações, imaginários, símbolos, que organizam diversos modos de vida, bem como se configura uma maneira de as pessoas habitarem a cidade.

Em “O Terreiro e a cidade: A forma social negro-brasileira” (2002) Muniz Sodré intitula o terreiro como a “forma social negro-brasileira por excelência.” (SODRÉ, 2002, p. 20). O espaço do terreiro, que não se limita a um espaço litúrgico, como um lugar de existência e diversidade cultural do coletivo marginalizado, foi também meio para a transferência do patrimônio cultural do negro africano,

A palavra patrimônio encontra aqui um lugar próprio. Ela tem em sua etimologia o significado herança: é um bem ou conjunto de bens que se recebe do pai (pater, patri). Mas é também uma metáfora para o legado de uma memória coletiva, de algo culturalmente comum a um grupo. [...] O patrimônio simbólico do negro brasileiro (a memória cultural da África) afirmou-se aqui como território político-mítico-religioso, para a sua transmissão e preservação. [...] ficou para os membros de uma civilização desprovida de território físico a

possibilidade de se "reterritorializar" na diáspora através de um patrimônio simbólico consubstanciado no saber vinculado ao culto aos muitos deuses, à institucionalização das festas, das dramatizações dançadas e das formas musicais. (SODRÉ, 2002, p. 52-53)

É nesse sentido que as múltiplas tradições africanas encontraram recursos para afirmarem sua identidade, elas desenvolveram artifícios para sobreviverem e perpetuarem as suas culturas, os seus patrimônios simbólicos (SODRÉ, 2002). Em função disso, o negro “ateve-se ao jogo (culto, música, dança, teatralizações) - que não vive do primado da significação linguística, mas da força dos símbolos - como matriz cultural para a elaboração contínua de sua identidade” (SODRÉ, 2002, p. 145). “Era através da festa e do jogo, da dança e da música, que esse grupo se afirmava e se relacionava com o restante da cidade.” (MEIRELLES, 2014, p. 29)

Ainda hoje o samba se configura como uma prática de resistência cultural negro-popular, produtora de sentidos e territórios. Vale considerar estas questões que relacionam os temas “música”, “cidade” e “patrimônio cultural” para que possamos colocar em discussão as ações em que o Coletivo de Sambistas Mestre Conga vem realizando nas mídias digitais, nas quais visam impulsionar o registo do samba como patrimônio cultural da cidade de Belo Horizonte.

## **Uma etnografia na pandemia: reflexões e metodologia**

Importante destacar como se deu a pesquisa em meio ao isolamento social, causado pela disseminação mundial do vírus do Covid-19 a partir de 2020. Neste contexto os comportamentos e atividades sociais foram drasticamente afetados. Os diálogos e ofícios, em grande parte, passaram a depender de algum recurso digital para se estabelecerem. Sendo assim, a maneira de se fazer pesquisa, em seus diversos contextos, também precisou se adaptar a esta nova realidade. Apesar dos desafios encontrados para se realizar uma pesquisa de campo, o presente trabalho se consolida como uma pesquisa etnográfica no meio virtual. Por etnografia entende-se “A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado [...]” (VELHO, 1978, p. 123-124).

Porém, foi necessário compreender novas formas de observar e afixar os diálogos. A pesquisa de campo migrou para outros territórios e ambientações, sendo indispensável, então, a assimilação destes. A abordagem etnográfica no ciberespaço, também chamada de etnografia virtual ou netnografia, está sendo discutida dado o contexto atual em que os computadores, celulares e as mídias digitais se firmaram como importantes ferramentas de comunicação. Esta

comunicação na internet “diz respeito tanto aos modos como são realizadas as interações entre os atores sociais quanto aos próprios resultados de tais interações” (POLIVANOV, 2013, p. 63)

Desta maneira, as observações e interações com o grupo pesquisado aconteceram por meio de e-mails, Instagram, WhatsApp e Youtube. As informações reunidas aqui foram coletadas e assistidas no ambiente virtual, sendo necessário analisar todo o espaço virtual como fonte de dados para a pesquisa. Miller e Slater (2004, p 63) apontam que os “[...] fenômenos da Internet na forma de interações visíveis [são] [...] portanto, observáveis.” Pereira e Mendes (2020, p. 210) complementam, “[...] para além de meros processadores de texto, os computadores e as informações armazenadas nas redes são dados para as pesquisas [...].”

Foi, então, a partir da observação das ações que o Coletivo de Sambistas Mestre Conga vem realizando nas mídias sociais - as quais serão melhor abordadas no decorrer do texto - que o processo etnográfico se desenvolveu. Após a observação não participante das suas iniciativas, foi fundamental o contato direto com o grupo, que se deu por meio de mensagens e por videoconferências. Houve o processo de entendimento dessa relação de negociação no ambiente virtual, mas foi possível fazer ligações próximas com os coordenadores do Coletivo, o que possibilitou colaborar nos estudos e projetos em que o grupo está disposto a fazer.

## **O samba em Belo Horizonte**

Antes de colocar em discussão o processo de patrimonialização do samba em Belo Horizonte, é necessário apresentar um breve percurso da manifestação cultural na cidade. Ainda que pouco investigada, a trajetória do samba em BH está vinculada desde a sua construção, em meados de 1897. A população negra se instalou no arraial do Curral del Rey e no local ajudou a construir a nova capital de Minas Gerais. Os operários, em sua maioria negros, se instalaram nos bairros periféricos da cidade, lugares onde reuniram adeptos para a divulgação e consolidação da prática musical na cidade (AREDES, 2017; GOMES, 2010).

Dentre os bairros periféricos da cidade, destaca-se o morro Pedreira Prado Lopes, e o bairro Concórdia, onde surgiram as primeiras escolas de samba de BH, sendo a primeira a Pedreira Unida, em meados do século XX. A ideia de escola de samba foi trazida a BH através de uma viagem do morador da Pedreira Prado Lopes, conhecido como Popó, ao Rio de Janeiro na década de 1930 (AREDES, 2017; GOMES, 2010). Vale destacar também a ida do Mestre Conga, fundador da Escola de samba Inconfidência Mineira, ao Rio na década de 1950. Inspirado nas escolas de samba de lá, ele foi responsável por introduzir o samba enredo na

capital mineira, nas palavras dele “o samba inteiro” (LOURENÇO, 2021). Anteriormente, as escolas de samba desfilavam improvisando pelas ruas.

No samba antigo, a gente fazia o estribilho, o refrão, e o resto era improvisado. A gente passava a madrugada na rua. Eu, Dórico, Sambista, Osvaldo, Popó e o Chuchu. Cada um colocava o seu verso. Quando eu falo, muita gente pode pensar que é mentira mas quem introduziu o samba de enredo aqui em Belo Horizonte foi eu, copiando do Rio de Janeiro mas saía tudo errado. Nunca foi igual ao Rio mas a gente ia fazendo e cada ano as escolas apresentavam um enredo. (CONGA *apud* GOMES, 2010, p. 33 ).<sup>1</sup>

É importante apontar também a ascensão do rádio na cidade, tanto para encurtar a fronteira Rio-BH, quanto para divulgar os sambistas e futuros sambistas da cidade. As emissoras de rádios se tornaram potentes meios de comunicação e transmissão nas décadas de 1930 e 1940. Nem todos tinham um aparelho em casa, porém sambistas se apresentaram em programas e eventos que as rádios Inconfidência e Guarani promoviam – como relatado por Bira Favela, Geraldo Magnata, Dona Cazuzu, Mestre Conga e Serginho Beagá, em algumas entrevistas reunidas no Instagram do Coletivo de sambistas Mestre Conga (COLETIVO DE SAMBISTAS MESTRE CONGA, 2021).

Além disso, foram citados em muitos depoimentos os locais da cidade onde os sambistas se reuniam e ainda se reúnem. Dona Eliza, por exemplo, conta que para se entrosar no meio musical da cidade, bem no início de sua carreira, começou a frequentar os bares e clubes de BH.

[...] no sábado a gente saía à noite, ia pra esses bailes, pra esses clubes à noite, né?! Ia pra esses barzinhos. Então, foi aí que eu conheci os bares e clubes de Belo Horizonte, que comecei a fazer amizade com todo mundo da noite, que cantava na noite [...] curtir os bailes também, dançava. Pra tomar um certo conhecimento, pra depois eu me entrosar pra valer. Então, foi aí que eu conheci o bar Tio Patinhas, na Savassi, conheci o Flor de Liz, na Olegário Maciel. Aí conheci o Elite na Goitacazes, conheci o Estrela Night Clube, na rua Curitiba. E fui tomando conhecimento dessas coisas [...] (SOUZA, 2021).

Diversos outros sambistas também mencionam várias regiões e ruas da cidade, bem como clubes e bares que abrigavam intérpretes, compositores e assistentes da cidade. Mandruvá (SILVA, 2021) ao ser questionado sobre quais espaços de samba frequentava, cita: Descontração, Lapa, Bailão, Vilarinho entre outros que já não existem mais ou estão sem

---

<sup>1</sup> CONGA. Mestre. Informação verbal fornecida por Luiz Lourenço, de nome artístico Mestre Conga, em entrevista realizado em 2010.

atividades culturais direcionados ao samba. Jussara Preta (ASSIS, 2022) enfatiza que “[...] as casas de samba eram todas escondidas na periferia [...]”. Ronaldo Coisa Nossa na década de 1990 abriu um ponto de referência para o samba de BH, o bar Opção, no bairro Caiçara, foi exemplo na produção e valorização do samba da cidade. O bar do Cacá, localizado no bairro São Paulo, já está consolidado como reduto do samba de BH. Outro espaço bastante frequentado pelos sambistas da capital mineira é o quintal do Divina Luz que fica localizado no bairro São Marcos, na região nordeste de BH. Vale mencionar também o clube Original que ficava no bairro Barro Preto, que é muito comentado pelos sambistas mais velhos da cidade. Nota-se com essa pequena exposição dos lugares de samba da cidade que a prática ocupou as mais diversas regiões de Belo Horizonte. E há muitos lugares que ficaram na memória e no imaginário coletivo como espaços de samba, Geraldo Magnata sintetiza, “[...] são casas tradicionais que marcaram épocas” (SOBRINHO, 2021).

Cinara Gomes (2010, p. 34) ao reunir em seu trabalho as entrevistas com os sambistas da cidade, apontou vários estabelecimentos destacados por eles,

São eles: Peixe Vivo, Curral do Samba, Beija Flor do samba, Magnatas do Samba, Terreirão do Samba, Clube do Samba, Segunda sem Lei, Clube dos Sargentos, Ferro Velho, Pouso Forçado, Convez, Hipódromo, Tecelões, Ginga Pura (que atualmente é o Lapa MultiShow), Requite, Opção, Cartola, Prainha, Elite, Estrela, Orion, Pra Harmonia, Tremedal, Mineiríssimo, Bar Brasil, Piscina, África Bar, Pizza Bar, Contorno Mineiro, Meretíssimo, Bar do Queixada, Tuchê, Cantinho da Pompéia, Malibu, Telecoteco, Camisa 10, Ziriguidum, Quintal Diina Luz, dentre outros espaços.

Já Dona Terezinha (SILVÉRIO, 2021), nascida na região da Lagoinha em 1939, tem sua trajetória dedicada às escolas de samba, foi integrante da escola de samba Surpresa, rainha do samba em de BH em 1950 e fundadora da escola de samba Unidos da Colina. Ela conta que o seu primeiro contato com a prática foi visitando os ensaios das escolas com sua família. Iam para observar, dançar e se divertir. Ela também relata que o samba era protagonizado por homens, as mulheres até poderiam interpretar algum samba na avenida, porém não podiam participar da bateria por exemplo, era mais difícil ver mulheres tocando, compondo e participando das rodas de samba. Sônia Maria Pereira (PEREIRA, 2022) também recorda que, por ser mulher, enfrentou dificuldades ao dirigir por dezoito anos o tradicional bloco Aflitos do Anchieta, um bloco caricato, agremiação carnavalesca tipicamente belorizontina. Contudo, ainda que muito invisibilizadas, percebe-se hoje uma grande cena de mulheres atuantes no universo do samba de BH, tanto em escolas de samba quanto em rodas de samba da cidade.

Podemos observar que ainda hoje várias escolas de samba, rodas e grupos de samba estão ativas na capital mineira, são responsáveis por manterem viva a tradição na cidade. Há toda uma história e um significado por trás dos carnavais, das rodas e dos lugares de samba. Nota-se nas entrevistas que o Coletivo de Sambistas Mestre Conga está fazendo, que a maneira de se viver de muitos é compondo sambas, atuando no carnaval da cidade e reunindo pessoas para fazer uma roda de samba. Muitas memórias coletivas e afetivas existem sobre o samba produzido em BH, além de ser uma prática de resistência cultural.

## **Coletivo de Sambistas Mestre Conga e o processo de patrimonialização do samba**

O samba em Belo Horizonte continua forte e atuante. Contudo, no contexto da pandemia do vírus do Covid-19, as manifestações culturais foram diretamente impactadas, impedidas de serem praticadas, dentre elas o samba de Belo Horizonte. As pessoas atuantes na cena do samba sofreram pela ausência de não poderem se reunir, tocar nos estabelecimentos e isso refletiu sobre as formas de manter a tradição viva. Diante disso, para discutir a situação do samba e de seus profissionais no âmbito de pandemia, um grupo de sambistas, pesquisadores e produtores da cidade se reuniram virtualmente em 2020 formando o Coletivo de Sambistas Mestre Conga.

Em de agosto de 2020 eles criaram um grupo no WhatsApp para estabelecer um diálogo com as diversas pessoas que estão envolvidas com o cenário da prática cultural na cidade. Posteriormente o Coletivo determinou alguns objetivos e eixos temáticos para a sua pesquisa e reflexão enquanto grupo, dentre os seus propósitos estão: implementar ações voltadas para a valorização e divulgação do samba e sambistas de Belo Horizonte e de Minas Gerais; debater projetos e políticas públicas em prol das diversas manifestações do samba; e refletir sobre o samba como patrimônio cultural imaterial da capital mineira.

Tendo em vista estes objetivos, o grupo criou a sua própria página no Instagram em março de 2021 e organizou uma live no canal da Emergência Cultural da Lei Aldir Blanc no Youtube, em abril do mesmo ano, na perspectiva de impulsionar a viabilização e reconhecimento, pelo poder público e pela sociedade, do samba se tornar patrimônio cultural de Belo Horizonte. Intitulada como “Samba de Belo Horizonte: memória, história e patrimônio cultural”, a live foi, para Rosane Pires Viana - professora, produtora e idealizadora do grupo de mulheres sambistas: Samba Roda de Saia - um marco importante na história do samba de BH. Logo no início da roda de conversa, na qual foi porta-voz, ela disse:

[...] a live de hoje, samba de Belo Horizonte: memória, história e patrimônio cultural já pode ser considerada um marco histórico, pois estabelece um espaço de direito na cultura e na sociedade para a cidade de Belo Horizonte. A necessidade de um evento voltado para o samba está justamente na importância que essa tradição tem para a construção da identidade da população belorizontina. Os fazeres e os saberes do samba nessa cidade criaram laços com raízes profundas entre nós [...]. (VIANA, 2021).

Ela ainda reforça que, para o Coletivo, tornar o samba patrimônio cultural imaterial é dar visibilidade a história do samba da cidade, as pessoas e lugares que são associados a prática,

[...] assim, nossa proposição ao tornar o samba patrimônio cultural imaterial, é também uma estratégia coletiva de ação afirmativa, pois pretende também dar visibilidade as realizações inspiradoras que fazem parte dessa história. Espaços, lugares, pessoas, momentos, tudo, tudo isso faz parte dessa história, maravilhosa, que é o samba da nossa cidade. (VIANA, 2021).

Entretanto, para que ocorra o registro do samba como patrimônio cultural do município, há um longo caminho pela frente. Sendo o registro um “[...] ato pelo qual a Administração Municipal reconhece a legitimidade dos bens culturais de natureza imaterial e promove a salvaguarda destes [...]” (BELO HORIZONTE, 2004). Tem como objetivo “[...] proteger a cultura dos diversos grupos sociais que compõem o Município, a fim de garantir as condições de existência e a manutenção dos bens [...]” (BELO HORIZONTE, 2004).

Para a Françoise de Oliveira (OLIVEIRA, 2021), então diretora de patrimônio cultural e arquivo público da Fundação Municipal de Cultura, presente na live, é necessário criar um grupo de trabalho capaz de estabelecer um diálogo com os sambistas da cidade e colher diversas informações sobre a manifestação. O grupo de trabalho tem o intuito de compreender que samba é esse feito em Belo Horizonte, quais as suas matrizes, quais pessoas estão envolvidas, quais os territórios são ocupados pela a prática e a cultura material envolvida, como roupas, acessórios e instrumentos. Portanto, se faz necessário estabelecer um diálogo entre o poder público e a sociedade, para que tanto o documento de registro quanto o plano de perpetuação da prática tenham significado e respaldo das pessoas que estão envolvidas na cena do samba.

Outra ação do Coletivo foi a inauguração do projeto “Memórias do samba de BH”, que consiste em entrevistar virtualmente várias pessoas que participam do samba da cidade. A série de entrevistas tem como finalidade:

[...] resgatar e difundir a história do Samba de Belo Horizonte, através de depoimentos de grandes protagonistas dessa história. Essas informações servirão, também, para a construção do inventário do

samba de Belo Horizonte. Com isso, documentar o pedido de registro do samba como patrimônio cultural imaterial da nossa cidade. (COLETIVO SAMBISTA MESTRE CONGA, 2021).

As entrevistas são transmitidas por meio de lives no aplicativo do Instagram do Coletivo toda quinta-feira às 20 horas e a cada semana um convidado é entrevistado. Em conversa informal com representantes do Coletivo, Marcos e Carlitos afirmaram ter algumas perguntas que norteiam as entrevistas, mas procuram deixar o convidado à vontade para falar o que quiser. Há um roteiro básico, porém, há espaço para o improviso durante a conversa. Perguntas como: “quando e onde foi o primeiro contato com o samba”, “quais os lugares da cidade se encontravam para praticar”, são notadas na maioria das entrevistas. Muitos entrevistados procuram contar o que sabem e o que vivenciaram no mundo do samba na cidade, contar “causos” e apresentar trechos de músicas e enredos de escolas de samba, por exemplo.

Atualmente, o grupo já realizou mais de 50 entrevistas. Ou seja, são diversos os relatos e depoimentos que apontam histórias, pessoas, lugares e eventos que marcam e/ou marcaram a prática do samba em BH. Com isso, o Coletivo já vislumbra essa série de entrevistas como um acervo sobre o samba da capital mineira. Entretanto, é oportuno que o grupo faça um compilado dos relatos, justamente para entender as tramas da manifestação na cidade. Nesta direção, o Coletivo criou um subgrupo de trabalho para transcrever as entrevistas, visando documentar e examinar as entrevistas futuramente.

Outro projeto do Coletivo foi o “Memórias do samba de BH” no programa de rádio Bатуque na Cozinha, no ar pela 104.5 UFMG Educativa, notáveis 15 minutos de conversa sobre a história do samba de BH. (COLETIVO SAMBISTAS MESTRE CONGA, 2021). Transmitido aos sábados durante o mês de dezembro de 2021 foi uma iniciativa do Projeto República da UFMG, rádio UFMG e Coletivo de Sambistas Mestre Conga. Os 4 programas tiveram os seguintes temas: territórios do samba, os pioneiros do samba, as mulheres na história do samba, e por último, a criança nas letras de samba. Além disso, em cada programa dois sambas foram comentados por algum membro do Coletivo e pelos apresentadores, Nísio Teixeira e Carlinhos Visual.

Em síntese, o processo de patrimonialização do samba em BH está no começo. Ainda que já tenham levado para representantes da prefeitura o interesse em registrar o samba como patrimônio cultural do município, para de fato dar conta da profundidade da manifestação cultural na cidade, há de se destringir uma pesquisa direcionada para o samba de BH, de maneira que seja possível contemplar as complexidades da manifestação e suas diversas modalidades presentes na cidade. De fato, o Coletivo deu início a uma trajetória de diálogo,

tanto com representantes da prefeitura, quanto com os envolvidos com a prática, bem como se consolidou como um grupo que está disposto a coletar informações, juntamente com os sambistas da cidade, para produzir um acervo do samba de Belo Horizonte e, então, impulsionar o registro municipal do samba como patrimônio cultural imaterial.

## **Conclusão**

Pode-se dizer que o processo de pesquisa para a construção de um documento de registro do samba de Belo Horizonte se deu a partir de uma demanda dos envolvidos com a prática. A pesquisa para levantar informações sobre a manifestação na cidade está sendo organizada e realizada pelos protagonistas do samba, visando o reconhecimento do poder público e da sociedade da prática cultural como patrimônio municipal. A coordenação do Coletivo de Sambistas Mestre Conga atua justamente para conduzir o processo de registro garantindo que o desenvolvimento da pesquisa e a formulação do documento sejam realizados pelos envolvidos com o samba da cidade. Percebemos pelo número de pessoas empenhadas por essa causa que a tradição do samba de Belo Horizonte está consolidada, sendo o objetivo direcionado para apoio aos profissionais e visibilidade da manifestação.

Embora o registro legitime a manifestação como patrimônio cultural, nesse caso do município, é importante destacar que os envolvidos com a prática cultural são responsáveis pela perpetuação do samba na cidade. Eles possuem o domínio do conhecimento sobre a expressão cultural, por pertencerem ao seu cotidiano e modos de vida, e por isso, acredita-se que não deixarão de propagar a prática na cidade. Diante disso, ressaltamos a importância de os atores sociais estarem presentes durante todo o processo de registro, desde a solicitação do pedido, elaboração da pesquisa e execução de um plano para perpetuarem a prática cultural. Pois o reconhecimento de um patrimônio cultural precisa “encontrar “ressonância” junto a seu público” (GONÇALVES, 2005, p. 19). Tratar de um processo de registro onde os protagonistas participam indiretamente traz uma superficialidade na pesquisa e no documento, distancia-se de conhecimentos e da realidade dos envolvidos.

Assim, ao levantar a iniciativa de pesquisar e tornar o samba como patrimônio cultural da capital mineira o Coletivo contribui com uma discussão sobre os processos de patrimonialização dos bens imateriais. A música é uma memória invisível, não é um monumento concreto, palpável, precisa dos corpos para manter a prática viva. A memória do imaterial está nas performances, portanto ao reconhecer o samba como patrimônio cultural de BH é preciso valorizar as pessoas que praticam e proporcionar maiores investimentos nos

espaços de produção da manifestação cultural, como também buscar ferramentas para perpetuar a prática na cidade.

As práticas que envolvem música - tocar, dançar e cantar – são produtoras de sentidos, memória, territórios e pertencimento. O samba espelha identidades culturais e tem a capacidade de formar representações da própria cidade, sendo a cidade mais do que percursos e ruas, é um horizonte de conexões, sons e imagens. Então, quantas vivências, desfiles, enredos, permanecem na memória e no imaginário coletivo construído sobre os lugares da cidade? É uma reflexão que nos instiga a cada vez mais produzirmos pesquisas que nos ajudem a pensar os patrimônios da nossa cidade.

## Referências

- ARANTES, António. Património cultural e cidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério (Orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009.
- AREDES, Rubens. *Práticas musicais na favela do morro das pedras em Belo Horizonte: um estudo crítico sobre música e modo de vida*. Belo Horizonte, 2017. 321 f. Tese (Doutorado em Música). UFMG, 2017.
- ASSIS, Jussara. [Entrevista concedida à Dóris dos Santos]. Belo Horizonte: 31 mar. 2022. Coletivo de Sambistas Mestre Conga. Duração: 98:44. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbyfQxZAamX/?hl=pt-br>. Acesso em: 17 maio 2022.
- BELO HORIZONTE. Lei nº 9000, de 29 de dezembro de 2004. *Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial e dá outras providências*. Belo Horizonte: Diário Oficial do município, 30 dez. 2004. Disponível em: <https://dom-web.pbh.gov.br/>. Acesso em: 30 dez. 2021.
- COLETIVO SAMBISTAS MESTRE CONGA. Um talento genuíno, expoente de uma escola de artistas cada dia mais rara. Belo Horizonte, 31 maio 2021. Instagram: Coletivo Sambistas Mestre Conga. Disponível em: @Coletivosambistamestrecongá. Acesso em: 31 maio 2021.
- GOMES, Cinara. *A História do Samba em Belo Horizonte*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música). Universidade do Estado de Minas Gerais, 2010.
- GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios. In: MACIEL, Maria; ALVES, Caleb. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.
- HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia. *Música nas ruas do Rio de Janeiro*. São Paulo: Intercom, 2014.
- JOUBE-VILLARD, Laura. A Praça Onze do Rio de Janeiro entre mitos, memórias e urbanidades. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA, [5.]. 2011, Belém. *Anais do V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia*. Belém: UFPA, p. 369-377, 2011.
- LOURENÇO, José. [Entrevista concedida a Marcos Maia]. Belo Horizonte: 29 jul. 2021. Coletivo de Sambistas Mestre Conga. Duração: 58:37. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CR7nVXpgXyT/?hl=pt-br>. Acesso em: 17 maio 2022.

MEIRELLES, Paola Orcades. *A roda de samba como prática de comunicação intertemporal: herança viva da tradição*. Rio de Janeiro. 180 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 21, jan./jun. p. 41-65, 2004.

OLIVEIRA, Françoise. O Samba de Belo Horizonte: memória, história e patrimônio cultural. *Emergência Cultural, S.l*, 2021. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=mKtP\\_krf7Sc](https://www.youtube.com/watch?v=mKtP_krf7Sc). Acesso em: 10 jun. 2021.

O SAMBA DE BELO HORIZONTE: MEMÓRIA, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL. Canal: Emergência Cultural. Youtube, 5 abr. 2021. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=mKtP\\_krf7Sc](https://www.youtube.com/watch?v=mKtP_krf7Sc). Acesso em: 10 jun. 2021.

PEREIRA, Samira Cristina; MENDES, Sérgio. Um debate sobre o campo online e a etnografia virtual. *TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*. S.l., n. 21, p. 196-212, 2020.

PEREIRA, Sônia. [Entrevista concedida a Eliete Ná]. Belo Horizonte: 17 fev. 2022. Coletivo de Sambistas Mestre Conga. Duração: 82:32. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/CaGULJpAi-s/?hl=pt-br>. Acesso em: 17 maio 2022.

POLIVANOV, Beatriz. *Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia?* Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet. Manaus: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013.

SILVA, José. [Entrevista concedida a Carlitos Brasil]. Belo Horizonte: 01 jul. 2021. Coletivo de Sambistas Mestre Conga. Duração: 52:34. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/CQzb64fg1rC/?hl=pt-br>. Acesso em: 17 maio 2022.

SILVÉRIO, Terezinha. [Entrevista concedida a Carlitos Brasil]. Belo Horizonte: 23 set. 2021. Coletivo de Sambistas Mestre Conga. Duração: 70:47. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/CULyhgmA-Ci/?hl=pt-br>. Acesso em: 17 maio 2022.

SOBRINHO, Geraldo. [Entrevista concedida a Eliete Ná]. Belo Horizonte: 09 set. 2021. Coletivo de Sambistas Mestre Conga. Duração: 76:19. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/CTnu37HAPEQ/?hl=pt-br>. Acesso em: 17 maio 2022.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Bahia: Prosa e Poesia. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUZA, Ana Eliza. [Entrevista concedida a Rosane Pires]. Belo Horizonte, 24 jun. 2021. Coletivo de Sambistas Mestre Conga. Duração: 65:26. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/CQhcowNgAOW/?hl=pt-br>. Acesso em: 17 maio 2022.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Zahar, 1987.

VIANA, Rosane. O Samba de Belo Horizonte: memória, história e patrimônio cultural. *Emergência Cultural, S.l*, 2021. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=mKtP\\_krf7Sc](https://www.youtube.com/watch?v=mKtP_krf7Sc). Acesso em: 10 jun. 2021.